

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUIZA FRANCO DUARTE

SILÊNCIO... O FILME COMEÇOU!
APROPRIAÇÕES DA ANIMAÇÃO “TÁ CHOVENDO HAMBÚGRUER”

CURITIBA

2013

LUIZA FRANCO DUARTE

SILÊNCIO... O FILME COMEÇOU!
APROPRIAÇÕES DA ANIMAÇÃO “TÁ CHOVENDO HAMBÚRGUER”

Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Elson Faxina

CURITIBA

2013

Silêncio... o filme começou!
Apropriações da animação “Tá Chovendo Hambúrguer”

DUARTE*, Luiza Franco.

Curso de Especialização em Mídias Integradas na Educação, SEPT/UFPR.

Polo UAB de Apoio Presencial em Foz do Iguaçu/PR

RESUMO – Na escola, o filme deve ser compreendido como elemento do processo pedagógico com alunos e professores percebendo a intencionalidade desse recurso em sala de aula. O presente artigo é resultado do questionamento: quais são os reais usos didáticos do filme? A partir da leitura de referenciais teóricos abordando a relação cinema e escola, desenvolveu-se a atividade de análise da linguagem cinematográfica da animação infantil “Tá Chovendo Hambúrguer” na Escola Municipal Frederico Engel, no município de Foz do Iguaçu, PR, que teve como público alvo alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, matutino. Ao término do filme, eles responderam um questionário que versou identificar as percepções e apropriações do grupo de alunos diante da experiência fílmica. Os resultados dessa proposta de trabalho em sala de aula foram positivos, percebeu-se um interesse maior pelas temáticas de saúde e invenções humanas.

Palavras-chave: Filme. Educação. Processo de ensino e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Cinema é a arte da singularidade, de narrar com originalidade uma história, seja ela inspirada em fatos reais ou de ficção. E é talvez por isso que nos identificamos tanto com as histórias, sorrimos e choramos com os personagens, acompanhamos, às vezes quase sem fôlego, as imagens em sequência, voltamos ao passado, projetamos o futuro (MENDONÇA, 2009, p. 03).

O cinema é a expressão da arte de imagens e sons em movimento. O contexto harmonizado de sonoplastia, figurino, ambientalização e narrativa aguçam as percepções sensoriais porque os elementos audiovisuais exercem influência no psiquismo humano que envolve-se emocionalmente com a história narrada.

Durante a graduação em Pedagogia, ao cursar disciplinas enfocando a relação cinema e educação e por meio da docência no Ensino Fundamental emergiram as situações fomentadoras à constituição de um objeto de estudo contemplando a mídia TV e a linguagem fílmica na sala de aula em sua dimensão pedagógica.

Por isso, o presente artigo, de caráter bibliográfico e de análise da exibição de um filme em sala de aula, tem como objetivo compreender a animação infantil “Tá chovendo hambúrguer” enquanto uma leitura cultural e formativa ao ser humano, no sentido de promover o desenvolvimento e a ampliação das capacidades cognitivas e afetivas imprescindíveis à vida em sociedade.

Assim, o filme “Tá chovendo hambúrguer” contém os elementos que buscamos elucidar com a presente pesquisa vinculada a especialização *lato sensu* Mídias Integradas na Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), na medida em que concentra e aborda as dimensões político, pedagógica, histórica e cultural da linguagem cinematográfica no ambiente escolar.

A exposição deste estudo foi organizada em quatro momentos: inicialmente apresentamos um panorama histórico, político e pedagógico sobre a relação educação, cinema e escola; no segundo momento, procuramos explicitar o percurso metodológico de construção e materialização da pesquisa *lato sensu* em questão. Na terceira seção, apontamos resultados e discussões a partir das apropriações e impressões de um grupo de alunos mediante o uso intencional do filme “Tá chovendo hambúrguer” em sala de aula. Por fim, nas considerações finais, reiteramos as reflexões teórico-prática

do uso pedagógico, cultural e político do cinema no contexto educacional.

2 LUZ, CÂMERA E AÇÃO

Ler o mundo através das imagens é poder lê-lo não só por nossos olhos, mas também pelos olhos daqueles que as produzem. Cada escolha de produção de uma imagem também é uma escolha política, já que as formas de pintar, fotografar e filmar condizem com os anseios e valores daqueles que as fornecem (RIGOTTI, sd).

O cinema fascina o público infantil, jovem e adulto, atende a inúmeros gostos pessoais, desde comédia, romance, drama, terror e suspense, na medida em que se utiliza de elementos e recursos audiovisuais que produzem significados e sentidos para quem está realizando a leitura das imagens fílmicas. Tudo isso promove condições objetivas e subjetivas de um envolvimento emocional do telespectador com enredo e personagens da narrativa.

Por isso, de acordo com Setton (2004), no Brasil vem se consolidando a relação entre educação e cinema, sobretudo por meio de projetos implementados na história educacional. Isso porque o Movimento da Escola Nova propôs instituir nas escolas brasileiras na década de 1920, a instalação de aparelhos de projeção animada com fins pedagógicos para ser trabalhado conteúdos históricos, geográficos e científicos. Segundo Franco (2004), nesse mesmo contexto histórico também foi criada uma Comissão do Cinema na Escola que sinalizou diretrizes sobre o uso da linguagem audiovisual na educação, estabelecendo o cinema enquanto suporte pedagógico, não tendo como objetivo a substituição da docência do professor em sala de aula.

Diante desses indícios históricos, percebemos que atualmente, no espaço escolar, ainda há o predomínio da linguagem escrita, como se esta definisse o monopólio de (re)produção do conhecimento historicamente produzido e acumulado pela humanidade. Desse modo, a organização do trabalho pedagógico do professor em muitas ocasiões permanece engessada numa pedagogia tradicional, na medida em que não há a exploração das variedades de linguagens humanas, como iconográfica, sonora e audiovisual, na qualificação do processo de ensino e aprendizagem.

Para Moran (1995), o processo de incorporação das tecnologias não se limita ao uso ocasional e esporádico. Todavia, “alguns professores, para não falar a maioria, tratam a exibição dos filmes como um instrumento ilustrativo de temas ou como solução imediata para a falta de planejamento do dia” (FERRAZ, 2006, p. 6). Ou seja, nem sempre o uso do filme em sala de aula está articulado, de maneira consciente às atividades intencionais do trabalho docente.

Dessa forma, Napolitano (2000) sinaliza algumas armadilhas acerca do uso de vídeos de curta e longa metragem em sala de aula, identificando-os como vídeo-tapa-buraco, vídeo-enrolação, vídeo-deslumbramento, vídeo-perfeição e só vídeo. Esse alerta contém a expressão e a justificativa de que os filmes são utilizados para ilustrar e motivar alunos que apresentam desinteresse escolar. Esse mesmo autor propõe o vídeo como sensibilização, vídeo como ilustração, vídeo como simulação, vídeo como conteúdo de ensino e vídeo como produção.

Por fim, compreendemos que o vídeo é um recurso pedagógico de enriquecimento do processo de apropriação da cultura, mas também se sabe que ele tem sido utilizado de maneira inadequada como se fosse um substituto da função social de domínio de conteúdo pelo professor. Como ressalta Moran (1995, p. 1), “o vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica”.

O modo como o professor explicita a intencionalidade da linguagem audiovisual, seu caráter e discurso ideológico, político, econômico e social (ARAÚJO, 2007) na organização do trabalho pedagógico otimiza o sucesso da inserção dessa linguagem no contexto escolar.

As representações fílmicas chegam até nós como uma avalanche de personagens e valores que são construídos e diluídos em momentos fugazes pela massificação dos meios de comunicação. Imagens que vem e vão, por falta de uma visualização profunda ou pelo excesso de películas. Como abordar temas com farta filmografia, mas em completa nulidade analítica? Como reverter a cegueira avaliativa dos alunos? (FERRAZ, 2006, p. 9).

Nesse sentido, ressaltamos a importância do planejamento da atividade pedagógica envolvendo a linguagem cinematográfica que pressupõe antecipadamente a verificação das condições de uso dos aparelhos de reprodução e a seleção prévia do

filme a ser exibido. Para evitar uma escolha aleatória de narração fílmica, “o professor deve estar atento a essa questão para que o aluno não tome a projeção como uma verdade absoluta, esquecendo-se de relativizar tempo, espaço e sujeito histórico” (FERRAZ, 2006, p. 5). Isso porque na infância, ocorre a incorporação e reprodução de papéis sociais e ficcionais que influenciam no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança.

Assim, para Favareto:

Tomar o cinema como instância educativa implica redirecionar as tradicionais questões sobre as relações entre pensamento e sensibilidade, entre juízos de gosto e prazer da fantasia, entre experiência reflexiva e consumo de experiências. Tratando-se de cinema e, mais extensamente, de todas as novas tecnologias das imagens, pergunta-se se o que estaria em questão na escola não seria a constituição de verdadeiros laboratórios experimentais da sensibilidade e do pensamento visual. Assim, o cinema seria, muito mais do que uma simples ferramenta pedagógica, um dispositivo de problematização da cultura (2004, p. 13).

Dessa forma, na contemporaneidade, o cinema ao ser “considerado como uma ferramenta educacional tem a oportunidade de inserir na sala de aula como possibilidade de um processo educacional e percorre etapas: impressão da realidade, identificação e interpretação” (ARAÚJO, 2007, p. 2). Nesse sentido, Araújo (2007) compreende as dimensões pedagógicas relacionadas ao uso do cinema no espaço escolar, destacando o potencial educativo e formativo do indivíduo decorrente de uma análise crítica da narrativa fílmica.

“O cinema é sempre ficção, ficção engendrada pela verdade da câmera (...) o espectador nunca vê cinema, vê sempre filme. O filme é sempre um tempo presente, seu tempo é o tempo da projeção” (ALMEIDA apud NAPOLITANO, 2011, p. 14). Faz-se necessário a leitura da sonoplastia, da fotografia, do figurino, da composição dos personagens, da ambientalização da narrativa.

Por isso, compartilhamos da ideia de que

trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2011, p. 11-12).

Salientamos que filme “não se trata de um artifício para recreação do alunado, mas de uma estratégia – na maioria dos casos – planejada e articulada com os planos

de ensino, mas com finalidades paradidáticas” (CHRISTOFOLETTI, 2009, p. 612). Para Christofolletti (2009), a linguagem do cinema estabelece-se como um excelente recurso do processo de ensino e aprendizado que ilustra e potencializa os conteúdos do planejamento e, sobretudo, reforça os conhecimentos numa espécie de suporte pedagógico que qualifica o olhar docente.

Portanto, a linguagem cinematográfica utiliza metáforas e imagens para apresentar uma realidade, reforçando uma ideia ou uma ideologia. Os filmes levam consigo representações que estabelecem paradigmas e introduzem perspectivas. Ainda que o intuito do filme seja o entretenimento, a situação e o contexto têm sido revertidos e aprofundados na esfera educacional. Por isso, na instância escolar, se de um lado o cinema ainda é visto como entretenimento e diversão, por outro lado, aos poucos vem se elaborando enquanto instrumento de emancipação da consciência humana.

3 METODOLOGIA: “COMO ELE CONSEGUIU FAZER AQUILO?!”

O presente estudo busca a compreensão da prática e do uso docente envolvendo a mídia TV e vídeo, no qual a autora desta pesquisa aplicou e desenvolveu na turma em que atua como regente neste ano letivo. Utilizamos como norte metodológico, inicialmente, a revisão de literatura pertinente à relação entre cinema e educação no sentido de fundamentar com referenciais teóricos o processo pedagógico do uso educativo do filme em sala de aula. Posteriormente, discutimos as apropriações referentes à análise do filme “Tá chovendo hambúrguer” a partir das percepções sistematizadas em um questionário respondido por um grupo de alunos de 4º ano do Ensino Fundamental.

A escola em que foi desenvolvida a atividade localiza-se num município da região Oeste do Paraná, a cidade de Foz do Iguaçu, tríplice fronteira que liga os países Paraguai, Argentina e Brasil. A instância escolar atende uma comunidade não central, no qual grande parte das famílias dos alunos tem subsídio financeiro vinculado ao trabalho no comércio.

Ressaltamos que a opção pela pesquisa bibliográfica justifica-se porque “não é a mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um novo tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 166).

Assim, para a análise do uso do filme em sala de aula enquanto recurso pedagógico têm-se como referência teórica os seguintes autores: Araújo (2007), Christofletti (2009), Favareto (2004), Ferraz (2006), Franco (2004), Jimenez (2011), Mendonça (2009), Moran (1995), Napolitano (2011), Setton (2004), que contribuíram na construção das reflexões contidas na pesquisa.

No segundo momento, durante três dias letivos do mês de maio de 2013, desenvolvemos a aplicação e a coleta de dados com uma turma de alunos - agentes imprescindíveis à materialização das indagações iniciais, as atividades de exibição, análise individual e coletiva do filme “Tá chovendo hambúrguer”, com registro das percepções em um questionário.

O grupo observado foi uma turma de 28 alunos, regularmente matriculados no 4º ano do Ensino Fundamental, que estudam na Escola Municipal Frederico Engel no período matutino. A faixa etária do grupo foi entre oito e doze anos, sendo composto por doze meninas e dezesseis meninos.

No primeiro dia, antes de assistirmos ao filme, a professora regente da turma, indagou: Esse título se refere a quê? Cinco alunos disseram que era o título de um filme muito legal e engraçado, isso porque já o tinham assistido. Outros responderam que parecia a história de um livro.

A orientação dada pela professora para apreciação da experiência fílmica pelos alunos foi: a) observar os ambientes (fotografia), no início do filme as cores eram frias e tons escuros; b) identificar o auge das invenções: cores vibrantes e quentes; c) ressaltar as personagens, a sonoplastia e o figurino, sobretudo, com um olhar atento para o desenvolvimento da história.

Nesse dia, eles assistiram ao filme “Tá chovendo hambúrguer”, sob direção e roteiro de Phil Lord e Chris Miller, com duração de 95 minutos. O filme é uma animação 3D produzida pela Sony Pictures Animation, com estreia no cinema mundial no ano de 2009.

Baseado no livro homônimo de Judi Barrett e Ron Barrett "Cloudy with a Chance of Meatballs", o filme tem como personagens principais: Flint Lockwood, Sam Speak, prefeito Shelbourne, Brent Bebê Sardinha, cameraman Manny, pai de Flint e policial Earl.

No segundo dia, um grupo de sete alunos foi solicitado para recontar oralmente a história, continuando a sequência anterior dos colegas. Esses alunos, nas respectivas falas, descreveram minuciosamente as cenas mais apreciadas da animação infantil. Em seguida, todos os vinte e oito alunos responderam ao questionário e registraram com desenhos as possíveis aproximações e identificações entre o aluno e o filme.

Esse questionário com 8 perguntas (ver em anexo) elaborado por Napolitano (2011) foi utilizado como meio de apreender as percepções (respostas) dos entrevistados acerca do filme "Tá chovendo hambúrguer".

Os alunos responderam ao questionário sem intervenção direta da professora para que não os inibisse quanto à produção das respostas. Essa atividade desenvolveu-se de maneira prazerosa para os alunos e, principalmente, respeitando a autonomia do professor para organizar as sequências de atividades, salientando o **modo** e o **como** fazer uso intencional dos instrumentos e recursos pedagógicos auxiliares a fim de contemplar os conteúdos curriculares previsto no planejamento escolar a ser trabalhado no bimestre do ano letivo.

Na terceira aula, a professora realizou a atividade intencional de análise crítica do filme supracitado. De modo coletivo, foram resgatadas as respostas dos alunos e produzidas reflexões consensuais sobre os elementos explorados nas questões.

Enfim, o enfoque desta pesquisa foi entender os desdobramentos e as discussões da linguagem cinematográfica na escola: qual a intencionalidade do filme? Como o aluno é avaliado sobre o que compreendeu desse recurso audiovisual?

O professor deve identificar os hábitos de consumo audiovisual dos alunos, valorizar as preferências e evitar atitudes de julgamento ou condenação estética sobre esse universo cultural. É importante conversar sobre as diferenças entre as produções audiovisuais e seus diferentes espaços de circulação (cinema, TV, internet etc.). Vale também apresentar alguns gêneros do cinema: filme de animação, ficção e documentário (JIMENEZ, 2011, p. 16).

Portanto, o compromisso do estudo foi compartilhar as inquietações e, sobretudo, a experiência de análise das apropriações dos alunos após assistirem em

ambiente escolar esse filme supracitado, ressaltando as respostas dos alunos que sintetizam as apreensões acerca da linguagem cinematográfica apresentada.

4 “SILÊNCIO... O FILME COMEÇOU”

Qualquer filme traz uma forma de contar multilinguística. O ver-visualizar que abrange todos os sentidos do aluno. É uma história narrada através de representações visuais, ou seja, as imagens em movimento, traduzindo um enredo inspirado em aspectos sócio-culturais de pessoas inseridas em contextos que podem colaborar na construção do conhecimento desde que a reflexão seja estimulada e utilizada de maneira adequada. O vídeo passa pelo sensorial, emocional, intuitivo e por fim o racional, formando um elo entre o presente (momento da projeção), passado e futuro (objetos de reflexão) (FERRAZ, 2006, p. 4).

Ao ser trabalhado o questionário de 08 perguntas de análise do filme “Tá chovendo hambúrguer”, percebemos as apreensões dos alunos quanto aos aspectos ideológicos e culturais que permeiam a linguagem cinematográfica representada na narração audiovisual supracitada.

O primeiro questionamento foi: “Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar sua mensagem? Justifique sua resposta. Nessa resposta, aproximadamente, 60% dos alunos apontaram como tema central do filme o respeito pela família. A aluna Laura, 9 anos, afirmou: “Devemos escutar os pais que querem o nosso bem”. Três crianças escreveram que o filme abordou o bullying contra alunos que não se enturmam: aqueles que são tidos como inteligentes, têm ideias e propostas que não são bem aceitas e nem discutidas num grande grupo. Apenas 15% dos entrevistados indicaram a importância da alimentação saudável.

“A mensagem do filme foi que devemos acreditar em nós e apostar em nossos sonhos”, alegou a aluna Letícia, 9 anos. O protagonista, mesmo não contando com o apoio do pai, não desistiu e alcançou o que desejava: “[...] inventou uma máquina de comida que transformava água em deliciosos pratos”, declarou o aluno Gustavo, 10 anos de idade. Em síntese, grande parte dos alunos visualizou como ideia central do vídeo a questão do núcleo familiar como alicerce do desenvolvimento e êxito do ser

humano.

Na aula de análise crítica do filme, foi abordado que os alunos não expressaram em suas respostas a questão do trabalho coletivo desenvolvido entre as personagens Flint, Sam, Brent Bebê Sardinha, o cameraman Manny, o pai de Flint e o policial Earl para salvar o mundo da catástrofe: a tempestade de comida.

Ao serem questionados sobre a aprendizagem com este filme, os alunos foram enfáticos ao registrar: “Não comer tudo que se tem vontade, toda hora”, garantiu o aluno Renato, 9 anos, isso porque a saúde está em primeiro lugar. Também pontuaram a solidariedade no qual “Flint queria ser útil à sua pequena cidade. Ele conseguiu!”, declarou a aluna Laura, 9 anos. Para 85% dos entrevistados, o filme mostrou que praticar o bem é necessário. Já no momento de análise crítica, os alunos reafirmaram o fortalecimento do círculo familiar por meio do diálogo e incentivos.

O filme cumprir sua função de divertir e entreter, possuindo sequência de cenas que provocaram humor nos telespectadores. Apesar disso, alguns elementos desta produção não foram compreendidos pelos alunos. Duas crianças questionaram “Como o pai de Flint não sabia enviar emails?”, pois os alunos consideram atividade cotidiana essas ações envolvendo a interação com as tecnologias presentes na sociedade contemporânea. Outra pergunta foi: “Por que ele não fez outro invento para retirar o sapato Spray?”, pois nessa dúvida, Melissa, 10 anos, direcionou que há ideias não exploradas no decorrer do filme, como necessária à compreensão e vivência do telespectador. Para 50% dos alunos a finalização do filme não atendeu a expectativas e idealizações do público.

Ao responder o questionamento “Do que você mais gostou neste filme? Por quê?”, a decisão foi quase unânime, a primeira chuva de alimentos - os hambúrgueres - como resposta de 90% dos entrevistados. Um aluno indicou como a cena mais apreciada a casa de gelatina porque era “engraçada e gostosa”. Outro ainda afirmou que a chuva de sorvete foi incrível porque são deliciosos. Enfim, os comentários salientaram que as diversas “chuvas” contidas no filme aguçaram a vontade sobre aqueles alimentos.

Assim, “a arte do cinema trabalha a sensibilidade do espectador, ou seja, a organização expressiva da linguagem audiovisual explora todos os sentidos do ser

humano, privilegiando a audição e a visão, mas estimulando paladar, olfato e tato” (JIMENEZ, 2011, p. 9). O filme exibido, por exemplo, ativou os aspectos sensoriais do grupo de alunos, por isso cenas envolvendo alimentação foram marcantes e permaneceram registradas na memória humana do grupo observado.

Segundo os alunos, personagens que ganharam a empatia do público foi: a) o cientista Flint Lockwood pelas invenções desastrosas, além do seu carisma e da sua vontade de ajudar o próximo; b) o macaco falante porque era um personagem engraçado e intrometido; c) a meteorologista Sam Sparks foi bem aceita porque era inteligente e bonita e, além disso, ajudou o personagem Flint a controlar a invenção.

Quando questionados sobre “Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?”, 27 alunos afirmaram que o prefeito Shelbourne era um homem mau porque desejava roubar a máquina do inventor Flint. Apenas um aluno indicou Tim Lockwood, o pai de Flint: “porque ele queria que o filho trabalhasse na loja de sardinhas”. As atitudes dos personagens influenciaram nessa representatividade perante o grupo de entrevistados.

“Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais sequências que parecem menos realistas? Por quê?”. Nesse questionamento, os alunos direcionaram as respostas à compreensão de que o filme não apresentava segmentos da realidade como casa de gelatina, viagem ao espaço, invenção de uma máquina inteligente e as diversas “chuvas de alimentos”. Para eles, as cenas reais foram pessoas mexendo no computador, assistir noticiários da TV, frequentar a escola.

Desse modo,

Partimos do princípio de que o sentido de um filme não é dado apenas pelo modo como seus elementos de significação são organizados tecnicamente na construção da narrativa (roteiro, imagens trilha sonora musical, textos escritos, falas, atores, etc.): o sentido de um filme emerge sempre do cruzamento entre o que este pretende transmitir e aquilo que o espectador interpreta/compreende. Mesmo que existam significados internos à própria obra, construídos desse ou daquele modo por quem a realizou (produtor, diretor, roteirista etc.), nada garante que esses significados sejam compreendidos ou apropriados pelo espectador exatamente como foram pensados e produzidos a significação é um processo dinâmico que transita constantemente entre o universo íntimo e privado da memória e do imaginário do espectador e o universo público da memória social e do imaginário cultural (DUARTE et al., 2004, p. 44).

Na exposição oral, ao (re) contar a síntese da história, sobre o personagem principal, os alunos entrevistados declararam: “o início do filme mostra o cientista quando criança, aprontando muitas invenções com o apoio que recebia da mãe. Então vai mostrando que de menino ele passa a ser um rapaz [um homem]” (Laura, 9 anos). “Menino que virou cientista. Ele morava com o pai que trabalhava na Loja de Sardinhas” (Gustavo, 10 anos). “Flint inventou uma máquina de transformar água em deliciosas comidas. Não deu muito certo no começo então ela foi parar no céu” (continua Letícia, 9 anos). “Ele conhece Sam, uma jornalista que não aceita a si mesma e suas qualidades” (Ana Carolina, 9 anos).

Então, “era um menino que um dia teve uma grande ideia. Seu pai vendia sardinhas e com uma máquina ele conseguiu fazer chover hambúrguer. Espalhou a esperança na pequena cidade que morava com seu pai” (Glória, 9 anos). Os entrevistados salientaram que Flint, personagem principal, não soube controlar o invento e quase arruinou a vida das pessoas a quem ele gostaria de ajudar: os moradores da cidade de Boca da Maré.

Para os alunos, Flint é um inventor de maluquices por isso seus vizinhos tinham medo dos inventos, por isso, na compreensão de Nicolas, 10 anos, “Ninguém acreditava nos inventos desastrosos de Flint, mas o prefeito resolveu ajudar o rapaz porque era guloso demais e quando percebeu o que a máquina tinha a possibilidade de realizar quis tirar vantagem”. “O cientista percebeu o perigo daquele invento, mas quando avisado não deu importância porque queria ser reconhecido pelo seu trabalho”, de acordo com Anthony, 12 anos.

As respostas dos alunos ao questionário demonstraram as correlações realizadas entre a projeção cinematográfica assistida e a realidade vivenciada pelos entrevistados. A partir da análise das respostas dos alunos quanto às compreensões deles ao filme enfatiza-se a responsabilidade do professor por meio da mediação pedagógica em justificar os conhecimentos a serem assimilados, isto é, delinear mentalmente as matrizes ideológicas e políticas contidas numa representação cinematográfica. Além do mais, o trabalho docente intencional e contínuo deve explorar o cinema como uma arte que engendra valores sociais e morais.

Assim, assistir um filme é como ler um texto escrito! O cinema é um instrumento

de mediação pedagógica e ainda uma valiosa ferramenta cultural para problematizações e tematizações no sentido de redirecionar a ação docente. “O cinema possui mensagens fílmicas individuais e múltiplas; mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade” (FERRAZ, 2006, p. 4).

O uso didático de filmes não deve ser visto como alternativa ou atividade extracurricular, ao contrário, deve estar atrelada à aprendizagem significativa do processo intencionalmente organizado para o ensino. Enfim, o cinema utiliza a fotografia como um recurso que cativa seu público, e expressa saberes que uma aula expositiva não consegue transcender a mensagem e os valores contidos.

O cinema comparece hoje nas atividades curriculares como uma das instâncias para a efetivação da ampla base cultural requerida pela educação. Cruzando todas estas dimensões educativas do cinema percebe-se que sua presença é estratégica para se pensar a produção do sentido e da significação no horizonte da cultura audiovisual, principalmente devido à ênfase da educação contemporânea na construção dos valores éticos e morais (FAVARETO, 2004, p. 12).

Enfim, a experiência de leitura de um filme em sala de aula requer a capacitação do professor em abordar linguagens cinematográficas que ampliaram a base cultural dos alunos e, ainda aprofundar as discussões de ideias e valores delineados no decorrer da narração. Principalmente, não se trata de exportar o conteúdo do filme para a realidade, mas realizar uma leitura dessa composição cinematográfica: Quem produziu? Como foi produzida?, entre outras indagações que possibilitaram aos alunos compreenderem as mensagens fílmicas.

Visando engendrar as relações prescritas e as dimensões utilizadas sobre os usos sociais do cinema no cotidiano escolar, procuramos evidenciar como a linguagem cinematográfica otimiza o saber acumulado historicamente e pode produzir diferentes leituras de mundo por crianças em fase de escolarização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “JÁ ACABOU?”

O filme “Tá Chovendo Hambúrguer” ressalta como o ser humano está em contínuo aprendizado e desenvolvimento tecnológico-científico. No âmbito escolar, torna-se necessário ao papel do professor mediar a representação das imagens com o contexto das experiências dos alunos.

No decorrer deste trabalho pôde-se compreender as características do filme quanto aos aspectos motivacionais e ideológicos. Ao mesmo tempo, que a atividade de assistir filme se encontra disseminada no dia a dia dos alunos, sabe-se que é no formato do espaço de projeção que a exibição adquire outros sentidos, isto é, o modo de assistir e perceber torna-se diferenciado daquele comportamento usualmente empregado na poltrona de um cinema ou mesmo no sofá de casa.

Essa experiência fílmica em sala de aula forneceu subsídios para entender que são necessárias mudanças na relação professor e filme e, principalmente, aluno e filme. O docente e o aluno precisam ter explícitos objetivos e resultados esperados dessa projeção, que os olhos não vejam apenas a narração, mas a composição estética dessa obra de arte.

Em outras palavras, o professor deve estabelecer o diálogo entre o filme e a realidade, articulando a interpretação e a compreensão de sentidos. Porém, a capacitação dos professores carrega teor e contextos ineficientes quanto à preparação profissional para utilizar socialmente a linguagem fílmica. Ainda persiste o paradigma na escola de que o professor e seus instrumentos de trabalho serão substituídos pelas novas tecnologias.

Ler não se resume a decifração de códigos, mas o contato dos diversos textos em seus usos sociais. Por isso, o filme em sala de aula não deve ser encarado sob a ótica de um deslumbramento visual. Faz-se necessário que o cinema e outros recursos pedagógicos tornem-se integrantes do cotidiano escolar, enriqueçam as vivências dos alunos, potencializando as experiências cognitivas.

Portanto, na realização deste trabalho percebemos a importância de dar voz aos alunos, às suas impressões, pois tudo aquilo que oferecemos a eles fazem referência como são vistos pela sociedade. Na linguagem cinematográfica o mundo é

representado e editado pela lente humana. Os filmes são frutos de movimentos culturais, por isso o homem deposita esperança na linguagem audiovisual com a possibilidade da formação de um novo homem que busca a construção de uma sociedade com interesses e lutas coletivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Suely Amorim de. **Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula**. Revista Espaço Acadêmico. N. 79 mensal. Dezembro de 2007. Ano VII – ISSN 1519.6186. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/079/79araujo.htm>> Acesso em: 07/09/2012.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?** Educação Revista do Centro de Educação UFSM, Vol. 34, Núm. 3, septiembre-diciembre, 2009, pp. 603-615. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/871>>. Acesso em: 15/09/2012.

DUARTE, Rosalia (et al.). Produção de sentido e construção de valores na experiência com o cinema. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume (USP), 2004.

FAVARETO, Celso. Prefácio. In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume (USP), 2004.

FERRAZ, Liz de Oliveira Motta. **História e cinema**: luz, câmera, transposição didática. O olho da história. Ano 12, n. 9, dezembro de 2006. Disponível em: <<http://olhodahistoria.org/artigos/IMAGEM-cinema%20na%20sala%20de%20aula-liz%20motta.pdf>>. Acesso em: 20/09/2012.

FRANCO, Marília. Você sabe o que foi I.N.C.E.? In: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume (USP), 2004.

JIMENEZ, Márcia Coutinho R. **Ensinar e aprender no mundo digital**: Arte e cultura (o audiovisual). CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação comunitária). São Paulo: CENPEC, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MENDONÇA, 2009. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/185114Cinemaedu.pdf>>. Acesso em: 28/05/2013.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. Artigo publicado na revista **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 10/12/2012.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **Ler a imagem para apre(e)nder melhor o mundo**. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/linha-mestra/revistas/revista_14/ret_14.asp.html>. Acesso em: 26/05/2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume (USP), 2004.

TÁ chovendo hambúrguer. Direção de Phil Lord; Chris Miller. Hollywood, CA: Columbia Pictures, 2009. 1 DVD (95 min), color.

ANEXO

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

Questões

1 – Qual o tema do filme? O que os realizadores do filme tentaram nos contar? Eles conseguiram passar sua mensagem? Justifique sua resposta.

2 – Você assimilou/aprendeu alguma coisa com este filme? O que?

3 – Algum elemento do filme não foi compreendido?

4 – Do que você mais gostou neste filme? Por quê?

5 – Qual o seu personagem favorito no filme? Por quê?

6 – Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?

7 – Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais sequências que parecem menos realistas? Por quê?

8 – Qual a síntese da história contada pelo filme?